

# PROGRAMA FINAL E LIVRO DE RESUMOS

## Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português

**Museu da Cerâmica de  
Sacavém  
Loures**

**3, 4, 5, 6 Abril de 2008**

Inscrições / informações

[cpgp.planetaclix.pt](mailto:cpgp.planetaclix.pt)

[cpgp@clix.pt](mailto:cpgp@clix.pt)

Prct Campo das Amoreiras, Lt: 1-2º O

1750\_021 Lisboa

Tel.962997654

Designer gráfico - Isabel Julia Peres Rodrigues

Organização

Colaboração

Apoio

Patrocinadores



Centro Português de Geo-História e Pré-História



Centro Pré-História



Museu de Loures  
Património com Alécto



MOITA  
CÂMARA MUNICIPAL



Montijo  
Câmara Municipal



Alcochete  
Câmara Municipal



Oeiras  
Município



Sacavém  
Município



Alpiarça  
Município



ipt Instituto Politécnico de Tomar



Museu Nacional de Arqueologia



COSMOS

## APRESENTAÇÃO

O Vale do Tejo é uma região muito rica de vestígios arqueológicos. Nela estão documentadas várias ocupações humanas desde o Paleolítico Inferior, através das inúmeras estações arqueológicas que se situam nas margens do rio.

Devido à sua importância científica, inúmeros arqueólogos, nacionais e estrangeiros, têm investigado, estudado e publicado vários artigos, livros e teses sobre a arqueologia do maior rio que atravessa Portugal. Destes investigadores pode-se destacar, entre muitos outros, os nomes de Carlos Ribeiro, o “pai” da arqueologia pré-histórica portuguesa, Georges Zbyszewski, Veiga Ferreira e, mais recentemente, João Luís Cardoso, Luís Raposo, Luíz Oosterbeek, José Rolão, entre muitos outros.

Quer pela importância científica, quer pela importância dos investigadores que estudaram esta zona, torna-se pertinente organizar umas jornadas que retratem os conhecimentos actuais sobre a arqueologia do Vale do Tejo, em território português.

### O LOCAL

#### Museu da Cerâmica de Sacavém – Loures

Da antiga fábrica de faiança, fundada em 1856 por Manuel Joaquim Afonso, ficou como património valioso e único, o forno 18 da Fábrica de Loiça de Sacavém.

Em torno desta construção de 12 metros, nasceu um museu, inaugurado a 7 de Junho de 2000, com a presença do então Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio.

Com salas de exposição nos dois pisos, oficinas, reservas visitáveis, um centro de documentação com o nome do fundador da fábrica - Manuel Joaquim Afonso – o Museu de Cerâmica de Sacavém apresenta também um auditório e uma loja.

O Museu mereceu, em 2002, o Prémio Luigi Micheletti (Fórum Europeu dos Museus).

**Morada:**

Rua Fábrica da Loiça  
2685 Sacavém

**As datas:**

3 a 6 de Abril de 2008

## COMISSÃO DE HONRA

**Dr. Carlos Alberto Dias Teixeira** (Presidente da Câmara Municipal de Loures)  
**Dr. Isaltino Morais** (Presidente da Câmara Municipal de Oeiras)  
**Dr. João Manuel de Jesus Lobo** (Presidente da Câmara Municipal de Moita)  
**Dr<sup>a</sup>. Maria Gertrudes Cunha** (Vereadora da Cultura e da Educação da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos)

## CONSELHO CIENTÍFICO

**Prof. Doutor João Luís Cardoso** (Professor Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta; Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras).

**Doutora Teresa Azevedo** (Professora Associada com Agregação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa).

**Doutor Luiz Oosterbeek** (Professor Coordenador do Instituto Politécnico de Tomar; Secretário-Geral da UISPP; Director do Museu de Arte Pré-Histórica de Mação).

**Prof. Dr. Luís Raposo** (Director do Museu Nacional de Arqueologia; Professor Convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

**Doutor José Manuel Rolão** (Professor da Universidade Autónoma de Lisboa)

**Doutor Pierluigi Rosina** (Director do Departamento de Território, Arqueologia e Património do Instituto Politécnico de Tomar)

**Doutora Alexandra Figueiredo** (Prof<sup>a</sup>. Assistente do Instituto Politécnico de Tomar, Presidente do CAA – Portugal).

**Doutor Hugo Cardoso** (Prof. Auxiliar Convidado da Faculdade de Medicina da Faculdade do Porto; Bolseiro Pós-Doutoramento do Dep. Antropologia da Universidade de Coimbra; colaborador do C.P.G.P.).

**Doutora Cleia Detry** (Avençada do IGESPAR)

**Mestre Mário Antas** (Professor da Universidade Lusíada; Técnico Superior do Museu Nacional de Arqueologia; Vice-Presidente do C.P.G.P.).

**Dr. Gonçalo Leite Velho** (Prof. Eq. Assistente do Instituto Politécnico de Tomar).

**Dr. Luís Nobre** (Colaborador do CPGP)

## SECRETARIADO

### Presidente:

**Dr. Silvério Figueiredo** (Prof. Assistente do Instituto Politécnico de Tomar; Presidente do C.P.G.P.).

### Coordenadores:

**Dr. Mário Santos** (colaborador do C.P.G.P.).

**Dr<sup>a</sup>. Ana Catarina Ferreira** (colaborador do C.P.G.P.).

**Dr. Fernando Martins** (colaborador do C.P.G.P.).

### Colaboradores:

**Joana Brito** (estudante I.P.T.)

**Isaura Santos** (estudante I.P.T.)

**Cláudia Loureiro** (estudante I.P.T.)

### Fotografia

**Hugo Machado** (estudante I.P.T.)

**Susana Sobral** (estudante I.P.T.)

### Tratamento da imagem do cartaz:

**Isabel Ferreira** (estudante I.P.T.)

## PARTICIPANTES

	<b>Nome</b>	<b>Profissão</b>	<b>Instituição</b>
1	Alexandra Figueiredo	Arqueóloga	Instituto Politécnico de Tomar
2	Ana Baião		
3	Ana Catarina Ferreira	Arqueóloga	Centro Português de Geo-História e Pré-História
4	Ana Cristina Barroso Rosa	Arqueóloga	
5	Ana Cristina Oliveira	Arqueólogo	Câmara Municipal de Loures
6	Ana Graça	Arqueólogo	Centro de Pré-História / Instituto Politécnico de Tomar
7	Ana Luísa Duarte		
8	Ana Raquel Policarpo	Arqueóloga	Câmara Municipal de Loures
9	Ana Raquel Silva	Arqueóloga	Câmara Municipal de Loures
10	Ana Rosa Cruz	Arqueólogo	Centro de Pré-História / Instituto Politécnico de Tomar
11	André Fradique	Artista Plástico	Liberal
12	António Martins		
13	Carlos Manuel Nascimento	Chefe Gabinete do Ministro da Cultura	Ministério da Cultura
14	Cátia Lopes	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
15	Célia Lopes	Estudante	Universidade de Coimbra
16	Cláudia Loureiro	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
17	Cláudia Maria de Sousa Manso	Arqueóloga	Câmara Municipal Bombarral
18	Cleia Cardoso		
19	Cristina Barroso S. Cruz	Antropóloga	Faculdade de Antropologia
20	Óscar López Jiménez	Arqueólogo	Gipsia
21	Rubén Ruíz Bravo	Geofísico	Gipsia
22	Dália Lima Barros	Aposentada	Câmara Municipal de Loures
23	María Victoria Martínez Calvo	Arqueóloga	Gipsia
24	Marta Prieto Llamas	Geofísico	Gipsia
25	João Luís Cardoso	Arqueólogo	Universidade Aberta / Câmara Municipal de Oeiras
26	Luís Raposo	Arqueólogo	Museu Nacional de Arqueologia
27	Luiz Oosterbeek	Arqueólogo	Instituto Politécnico de Tomar / Museu de Mação
28	Edmundo Afonso Rijo	Reformado	Centro Português de Geo-História e Pré-História
29	Elisabete Nunes		Núcleo de Estudos do Tejo
30	Eugénia Cunha	Antropóloga	
31	Fernando Martins	Arqueólogo	Centro Português de Geo-História e Pré-História
32	Florbela Estêvão	Arqueóloga	Câmara Municipal de Loures
33	Gisela Carvalho da Encarnação	Arqueóloga	Câmara Municipal Amadora
34	Gonçalo Alexandre Quitério	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
35	Gonçalo Velho	Arqueólogo	Instituto Politécnico de Tomar
36	Helena Santos		
37	Hugo Cardoso	Antropólogo	Universidade do Porto Centro Português de Geo-História e Pré-História
38	Hugo Machado	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
39	Irina Sofia Graça Cordeiro	Historiadora de Arte	Câmara Municipal Montijo
40	Isabel Figueira	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
41	Isaura Santos	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
42	Joana Brito	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
43	João Cascalheira	Estudante	Universidade do Algarve
44	Jorge Dinis		

45	Jorge Ferreira Lopes	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar / Câmara Municipal de Arruda
46	Jorge Raposo	Arqueólogo	Câmara Municipal do Seixal
47	José Carlos Henriques	Assistente de Arqueólogo	Câmara Municipal Seixal
48	José Costa Santos		
49	José Manuel Rolão	Arqueólogo	Universidade Autónoma de Lisboa
50	Júlio Pinto	Reformado	Centro Português de Geo-História e Pré-História
51	Leonor de Fátima da Silva	Antropóloga	Câmara Municipal de Montijo
52	Liliana Campeão dos Santos	Arqueóloga	Câmara Municipal de Montijo
53	Luís Filipe Correia de Jesus	Estudante	Universidade do Algarve
54	Luís Nobre	Arqueólogo	TECO Reina - Badajoz / Centro Português de Geo-História e Pré-História
55	Manuel Vitoriano	Reformado	Centro Português de Geo-História e Pré-História
56	Manuela Maria Ferreira	Arqueóloga	
57	Márcia Novais	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
58	Marco Liberato		
59	Maria da Graça Ribeiro Dias	Professora	Unidade Arqueologia de Aljustrel
60	Maria Paula Caetano	Assistente de Arqueólogo	Câmara Municipal de Loures
61	Mariana Villar	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
62	Mário Antas	Arqueólogo	Universidade Lusiana / Museu Nacional de Arqueologia Centro Português de Geo-História e Pré-História
63	Mário Santos	Arqueólogo	Centro Português de Geo-História e Pré-História
64	Miguel Correia	Arqueólogo	Câmara Municipal Alcochete
65	Nuno Miguel Gonçalves Neto	Arqueólogo	Neoépica Lda. – Arqueologia e Património
66	Paula Alves	Arqueólogo	TPF Planege SA
67	Paulo Miguel Afonso Rebelo	Arqueólogo	Neoépica Lda. – Arqueologia e Património
68	Pedro Cunha	Geólogo	Universidade de Coimbra
69	Pedro Proença	Geólogo	Universidade de Coimbra
70	Pierluigi Rosina	Geólogo	Instituto Politécnico de Tomar
71	Sandra Assis	Antropóloga	Universidade de Coimbra
72	Sara Cura	Arqueólogo	Museu de Mação
73	Serafina Ferreira	Técnica Superior	Câmara Municipal de Loures
74	Silvério Figueiredo	Arqueólogo	Instituto Politécnico de Tomar / Centro Português de Geo-História e Pré-História
75	Susana Cosme		
76	Susana Pombo		
77	Susana Sobral	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar
78	Telma Filipa Rocha Cordeiro	Estudante	Universidade Nova de Lisboa
79	Telmo Ramos Pereira	Arqueólogo	IGESPAR
80	Teresa Azevedo	Geóloga	Universidade de Lisboa -Faculdade de Ciências / Núcleo de Estudos do Tejo
81	Tiago do Pereiro	Arqueólogo	Câmara Municipal da Moita
82	Vera Filipa Lopes Ribeiro	Estudante	Instituto Politécnico de Tomar

## PROGRAMA

### **Dia 3 de Abril**

10.00 – Entrega da documentação

10.30 – Abertura das Jornadas

11.00 – 1ª. Sessão – O Tejo romano

Moderador: Mário Antas

11.05 Ana Raquel Silva e Susana Pombo dos Santos

*“Acompanhamento de Obra Revela Ocupação Proto-Histórica e Romana em Unhos (Loures)”*

11.35 - Ana Raquel Policarpo

*“As Ânforas da Uilla Romana de Frielas e da Estação Arqueológica das Almoínhas: economia e ligações dentro do estuário do Tejo”*

12.10 Nuno Neto e Paulo Rebelo

*“Intervenção Arqueológica Realizada na Zona de Protecção da Villa Romana do Alto do Cidreira – Cascais”*

12.45– Discussão

### **13.00 – Almoço (livre)**

14.30 – 2ª. Sessão: Património geológico e geoturismo

Moderadora: Teresa Azevedo

14.35- Teresa Azevedo

*“Geodiversidade e Geoturismo do Vale do Tejo”*

15.30 – Discussão

15.45 – Pausa para café

16.00– 3ª. Sessão – Identidade, memória e património

(Moderador: Luiz Oosterbeek)

16.05 - Luiz Oosterbeek

*“O Museu de Arte Pré-Histórica de Mação: Investigação e gestão do Património arqueológico”*

16.50 Liliana Campeão dos Santos

*“Contributos para a Divulgação do Património Arqueológico do Concelho de Montijo”*

17.20 - Mário Nuno Bento Antas

*“A divulgação do Património Arqueológico no Âmbito dos Serviços Educativos do Museu Nacional de Arqueologia”*

18.50 – Discussão

18.10 – Encerramento do 1º. Dia

### **Dia 4 de Abril**

10.00 – Apresentação de *posters*

10.30 – 4ª. Sessão – As populações do Vale do Tejo

Moderador: Hugo Cardoso

10.35 - Cristina Cruz e Eugénia Cunha

*“Evolução Humana e Portugal: estudo e caracterização dos vestígios osteológicos do Paleolítico português”*

11.05 -Sandra Assis

*“A necrópole romana da Quinta da Torrinha/Quinta de Sto. António – Monte da Caparica (III-V DC): incursão ao universo funerário, antropológico e paleopatológico”*

11.35 - Paula Alves & Ricardo Godinho

*“A Necrópole do Largo da Igreja (Sarilhos Grandes)”*

12.00 – Discussão

12.10 – Pausa para café

12.20 – 5ª. Sessão - Arqueologia industrial no vale do Tejo

Moderador: Mário Santos

12.25 Centro de Documentação Manuel Joaquim Afonso

*“A Importância da Documentação na Investigação do Património Industrial: o Centro de Documentação Manuel Joaquim Afonso”*

12.45 - Florbela Estêvão

*“Território, Identidade, Arqueologia Industrial: reflexão de uma prática arqueológica no território”.*

13.10– Discussão

### **13.30– Almoço (livre)**

15.10 – 6ª. Sessão – Arqueologia medieval do Vale do Tejo

Moderador: Silvério Figueiredo

15.15 - Miguel Correia

*“Uma Torre de Vigia Sobre o Tejo, em Alcochete”*

15.40 – Célia Lopes, Jorge Raposo e Ana Luísa Duarte

*“O Rural Medieval no Vale do Tejo. Estudo Antropológico de uma Amostra Populacional Exumada na Quinta de S. Pedro – Corroios, Seixal”*

16.10 – Discussão

16.20 – Pausa para café

16.35 – 7ª. Sessão – A arqueologia do período moderno do Vale do Tejo

Moderador: Fernando Martins

16.40 - Florbela Estêvão

*“O Sistema Militar das Linhas Defensivas de Torres Vedras - projecto/intermunicipal de intervenção.”*

17.10 – Discussão

17.30 – Encerramento do 2º. Dia.

### **Dia 5 de Abril**

10.00 – 8ª. Sessão – As faunas e o homem

Moderador: Silvério Figueiredo

10.05 - Silvério Figueiredo

*“As Aves em Jazidas Plistocénicas do Vale do Tejo”*

10.25 - Cleia Cardoso

*“Concheiros de Muge: Uma Perspectiva Arqueozoológica”*

10.45- Silvério Figueiredo

*“Os Proboscídeos Neogénicos do Estuário do Tejo”*

11.05 – Discussão

11.20– Pausa para café

11.30– 9ª. Sessão – Geologia, estratigrafia e geoarqueologia do Vale do Tejo

Moderador: Pierluigi Rosina

11.35 - Pierluigi Rosina & Sara Cura

*“Indústrias Líticas e Cronostratigrafia das Escavações do Paleolítico do Alto Ribatejo”*

11.55 - Marta Prieto, Rubén Ruiz Bravo María, Victoria Martínez Calvo Oscar & López Jiménez

*“Aplicações Geofísicas à Arqueologia: métodos electromagnéticos e radar de subsolo”*

12.15 - Telmo Pereira, Helena Santos, Marco Liberato

*“Dados Geológicos e Estratigráficos sobre a arqueologia de Arruda dos Pisões (Rio Maior)”*

12.35- Pedro P. Cunha e António A. Martins

*“Importância dos Terraços do Rio Tejo, na Interpretação da Evolução da Paisagem e da Ocupação Humana”*

13.00– Discussão

### **13.15– Almoço (livre)**

14.30 – 10ª. Sessão – Pré-história antiga do Vale do Tejo

Moderador: Ana Catarina

14.35 - Luís Raposo

*“Unidade e Diversidade na Pré-História Antiga do Vale do Tejo”*

14.55- Telmo Pereira, Susana Cosme, Cláudia Manso

*“A Arqueologia de Emergência em Rio Maior – O caso de Arruda dos Pisões”*

15.20 Mário Santos

*“Acerca da Coleção Paleolítica na Escola Secundária de Alpiarça”*

15.35 – Ana Graça

*“Vestígios de Ocupação Humana no Concelho da Chamusca”*

15.50- Tiago do Pereiro

*“O Paleolítico Médio da Ponta do António (Baixa da Banheira): Integração cultural, cronológica e regional”*

16.05 – Luís Nobre

*“Arte Rupestre do Tejo Internacional - Últimos Trabalhos”*

16.25– Discussão

16.35 – Pausa para café

16.40– 11ª. Sessão – Pré-história recente do Vale do Tejo

Moderador: João Luís Cardoso

16.45 - João Luís Cardoso

*“O Povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras). Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)”*

17.25 Gisela Encarnação

*“O Povoado da Espargueira/Serra das Éguas (Amadora), novos dados para o seu conhecimento”*

17.45 – Ana Baião

*“O Quartzão no Epipaleolítico de Santa Cita”*

18.05 – Discussão

18.15 – Encerramento das Jornadas

#### **Dia 6 de Abril**

Visita de Estudo

10.00 – Saída do Museu de Cerâmica de Sacavém – 11.00 – Concheiros de Muge (Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira) – 13.00 Alpiarça (Almoço Livre) – 15.00 – Cabeço da Bruxa – 16.00 Vale do Forno – 18.00 – Regresso a Sacavém

#### **Outras Iniciativas relacionadas com as jornadas:**

Exposição: *“A Arqueologia do Vale do Tejo: Vista através de materiais arqueológicos e das Fotografias do NETejo”* (Moita – Biblioteca Municipal Bento de Jesus Caraça, de 18 de Março a 19 de Abril)

Nesta exposição poderão ser vistas várias fotografias do Vale do Tejo, pertencentes ao Netejo, e alguns materiais arqueológicos de diferentes sítios arqueológicos da pré-história do Vale do Tejo

V Seminário de Paleontologia e Arqueologia do Estuário do Tejo, organizado pelo CPGP, na Moita – Biblioteca Municipal Bento de Jesus Caraça, dia 19 de Abril.



# RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

## 1ª SESSÃO O TEJO ROMANO

### ACOMPANHAMENTO DE OBRA REVELA OCUPAÇÃO PROTO-HISTÓRICA E ROMANA EM UNHOS (LOURES)

*Ana Raquel Silva\**, *Susana Pombo dos Santos\*\**

No âmbito do projecto desenvolvido pela Câmara Municipal de Loures e executado por Armando Cunha S.A., efectuou-se, durante o ano de 2007, o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de construção da Via T5 (E.M.506), em Unhos, com o intuito de documentar por registo todas as ocorrências de interesse patrimonial e arqueológico observadas no decorrer da obra, procedendo-se a uma recolha de materiais arqueológicos, desde que devidamente contextualizados, contribuindo para o melhor conhecimento do Passado Histórico da aldeia de Unhos.

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico para execução do projecto caracterizaram-se pela pesquisa bibliográfica e documental e pela prospecção arqueológica, tendo sido sistemática em toda a extensão do projecto e selectiva nos corredores laterais ao eixo da via, com o intuito de se proceder a um levantamento de bens patrimoniais afectos à obra e o seu respectivo impacte, tendo-se elaborado um pequeno inventário dos bens patrimoniais identificados.

Durante os trabalhos de escavação para a implantação do projecto, no mês de Março, entre o PK 0+145.5 e PK 0+157.5, na Quinta do Belo, foram detectadas algumas estruturas de filiação romana. Correspondem a dois pequenos tanques, um deles revestido a *opus signinum*, de forma sub rectangular. Os materiais que se recolheram em associação directa a estas estruturas foram, na sua maioria, fragmentos de cerâmica de construção, *dollia*, pesos de tear e um conjunto de fragmentos de *terra sigillata*, sud-gálica e hispânica, integrável nos séculos I e II d.C.

O conjunto de estruturas posto a descoberto revelou-se manifestamente reduzido para se concluir da tipologia de ocupação do sítio. No entanto, se associarmos os dois tanques a um pequeno complexo fabril e se levarmos em conta a presença relativamente abundante de *terra sigillata*, poderemos estar perante uma *villa* integrável nos séculos I-II d.C.

No final do mês de Abril, foram detectados em corte, ao PK 0+900 (futura rotunda), junto à Quinta do Miradouro, alguns elementos pétreos associados a espólio cerâmico de fabrico manual, de pastas pouco compactas com abundantes e.n.p., na sua maioria de cozeduras redutoras e do qual se destacam apenas quatro fragmentos com decoração campaniforme incisa que permitem contextualizar este espólio no Final do Calcolítico / Bronze Inicial. A par do espólio cerâmico, foi identificado um furador e uma lamela retocada em sílex. Para a restante área de implantação da rotunda, os trabalhos de escavação arqueológica que se seguiram à decapagem mecânica para definição da dispersão das estruturas e materiais arqueológicos da área, permitiram a identificação de um conjunto de estruturas atribuíveis ao período romano, relacionadas com captação e armazenagem aquífera e necrópole de incineração.

\* Arqueóloga (C.M. Loures – DSC/DPC/Gabinete de Arqueologia).

\*\* Arqueóloga. (Acompanhamento Arqueológico da Via T5)

## AS ÂNFORAS DA *UILLA* ROMANA DE FRIELAS E DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DAS ALMOÍNHAS: ECONOMIA E LIGAÇÕES DENTRO DO ESTUÁRIO DO TEJO

*Ana Raquel Policarpo\**

O estudo dos contentores anfóricos identificados na *uilla* de Frielas e na estação arqueológica das Almoínhas revela padrões de consumo bastante semelhantes aos de outros sítios arqueológicos romanos identificados dentro da área de influência de *Olisipo*.

Entre estes destaca-se a clara maioria de ânforas de produção lusitana, como a Dressel 14 e a Almagro 51c, em conjunto com um número mais reduzido de exemplares de produção externa, destinados sobretudo ao transporte de azeite, oriundas da Bética e do Norte de África.

A actual zona de Loures encontra-se, assim, inserida num conjunto de redes de comunicação e comércio que não só interligavam diferentes áreas da Lusitânia como eram responsáveis pelo contacto entre a Península Ibérica e o restante mundo romano.

Além disso, as estações arqueológicas em estudo correspondem a um padrão de localização e consumo recorrente em todo o território olisiponense.

Pretende-se fazer uma pequena caracterização do conjunto de material anfórico estudado, apresentando padrões de consumo e cronologias de ocupação; da situação da *uilla* romana de Frielas e da estação arqueológica das Almoínhas dentro do contexto olisiponense, no sentido de integrá-las numa lógica de implantação e abastecimento replicada em diversas ocasiões; e da possível situação da cidade de *Olisipo* dentro de um conjunto mais vasto de redes de comunicação e comércio que fariam desta cidade um ponto de passagem, que permitiria a importação de ânforas produzidas no exterior assim como de contentores produzidos nos diversos centros produtores em laboração no Vale do Tejo.

\* Licenciada em Arqueologia

## INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA NA ZONA DE PROTECÇÃO DA *VILLA* ROMANA DO ALTO DO CIDREIRA – CASCAIS

*Nuno Neto\* Paulo Rebelo\*\**

Na sequência da elaboração de um estudo de salvaguarda que visa a recuperação e preservação do sítio arqueológico do Alto do Cidreira (Cascais) – Imóvel Classificado como de Interesse Público (Decreto-Lei nº. 26-A/92, de 1 de Junho) -, bem como a requalificação urbana da zona de Carrascal de Alvide, foi solicitada pela Câmara Municipal de Cascais a abertura de sondagens de diagnóstico mecânicas em terrenos situados dentro da referida Zona de Protecção. Estas sondagens tiveram como objectivo avaliar o potencial arqueológico do local e permitir a definição de zonas de construção. A primeira fase dos trabalhos permitiu pôr a descoberto uma série de vestígios que levaram, numa segunda fase, ao alargamento da área e respectiva intervenção arqueológica integral com recurso a meios manuais.

No decurso dos trabalhos surgiram diversos vestígios arqueológicos, sobretudo de cronologia romana, mas também da pré-história recente e de época medieval. Dos vestígios de época romana, salienta-se:

- Um troço de aqueduto com 46m de comprimento e uma largura de cerca de 60cm, apresentando-se de uma forma geral bem preservado, destacando-se uma caixa de decantação, escavada num grande bloco de arenito e revestida a *opus signinum*, que se encontrava em excelentes condições de preservação;
- Uma necrópole, a cerca de 50m do aqueduto, onde se identificaram 11 inumações (das quais 10 foram exumadas) e 3 sepulturas de criança já sem quaisquer vestígios osteológicos. Dos 10 enterramentos, 1 é infantil e 9 são adultos - 5 indivíduos femininos, 2 masculinos, e 3 de sexo indeterminado. Com excepção do enterramento infantil, todos eles se encontravam sensivelmente com uma orientação norte-sul, possuindo espólio associado que, na sua maioria, passava pela colocação junto à tibia esquerda de um potinho, uma taça e uma lucerna. Um dos enterramentos possuía igualmente uma lucerna colocada junto à cabeça. Uma análise preliminar do espólio permite-nos enquadrar esta necrópole entre os séculos III/IV d.C.;
- Três estruturas em pedra calcária e arenito associadas a um poço, que se situam a este da necrópole;
- A área escavada a norte da *villa* permitiu recolher diverso material arqueológico, entre o qual se destaca a cerâmica comum e a *terra sigillata* africana clara D, bem como alguns fragmentos da designada cerâmica focense, com cruz típica. Cronologicamente podemos inserir estes materiais no período tardo-romano.

Entre os vestígios de época pré-histórica é de destacar a presença de uma cabana/abrigo, datável do 3º milénio a.C. Trata-se de uma estrutura onde foi possível identificar uma das partes dos muros que a compunham, e que provavelmente teria uma planta elipsoidal. A esta estrutura constituída por pedras de médias e grandes dimensões, encontra-se associada uma “bolsa”, de forma circular, escavada no substrato rochoso, com três buracos de poste na sua base. Junto à parede norte identificou-se uma lareira. A cultura material é essencialmente constituída por elementos cerâmicos e líticos. Para além das cerâmicas de paredes lisas, surgiram igualmente as de tipologia campaniforme - vasos e caçoilas com uma decoração na sua grande maioria incisa.

\* Neoépica, LDA

\*\* Neoépica, LDA

Já de época medieval-islâmica registaram-se cinco silos. A escavação dos enchimentos que os preenchiam revelou perspectivas de enchimento distintas. Assim, foi possível observar que três dos silos foram, após o seu abandono, utilizados como lixeiras, surgindo material cerâmico pertencente a recipientes de armazenamento e confecção de alimentos e, sobretudo, material de construção como telha e tijolo. Num dos silos foi possível exumar junto ao fundo um enterramento de cão em conexão anatómica. No que se refere à tipologia e cronologia dos materiais arqueológicos recolhidos, numa análise preliminar, revelam tratar-se de recipientes de cozinha, como panelas, bilhas, cântaros e taças, alguns deles ostentando pintura a branco e vermelho, atribuídas ao período Islâmico. Os restantes silos foram quase exclusivamente preenchidos com pedras, algumas delas aparelhadas, indiciando apenas a preocupação de os encher o mais rápido possível, não revelando praticamente nenhum material arqueológico excepto alguns fragmentos de telha e tijolo.

A execução destes trabalhos de escavação contribuiu para um melhor conhecimento da realidade histórico/arqueológica da área de protecção da *villa* romana do Alto do Cidreira, permitindo traçar uma “linha” de ocupação do espaço que vai da pré-história recente à contemporaneidade.

## 2ª SESSÃO

# PATRIMÓNIO GEOLÓGICO E GEOTURISMO

### GEODIVERSIDADE E GEOTURISMO DO VALE DO TEJO

*Teresa Azevedo\**

Segundo uma das mais recentes definições de Geodiversidade (Stanley, 2004) ela é o resultado de processos dinâmicos interactivos entre a paisagem, os solos, as rochas, os minerais, os fósseis, a flora e a fauna (Biodiversidade) de uma dada região e a respectiva cultura a qual levou à escolha dos locais de implantação e edificação de vilas e cidades, comércio e indústria, vias de transporte e à exploração de recursos naturais para o seu desenvolvimento.

Neste sentido, a Bacia do Tejo constitui um dos melhores exemplos de Geodiversidade em Portugal, na medida em que nela se associam resultados dos processos naturais sob a forma de magníficas paisagens e a cultura das populações que, ao longo de milhares de anos, a foram ocupando.

O Tejo atravessa formações geológicas que vão do Pré-Câmbrico à Actualidade. A essa variedade litológica se deve uma paisagem de enorme contraste, consoante se trate do Alto Tejo onde o rio se encaixa profundamente nas rochas antigas, ou do Médio e Baixo Tejo onde se abre em amplo vale ao entrar na sua própria Bacia Terciária.

Constituindo o Vale do Tejo um Património de altíssimo valor em termos de Geodiversidade, ao criar-se uma Base de Dados de Geosítios é conveniente considerar-se a respectiva inserção no Património Natural, no Património Cultural ou nos Recursos Geoculturais, ainda que os três se interliguem constantemente.

A consideração de Recursos Geoculturais como uma unidade independente deve-se ao facto de que as explorações dos recursos naturais em areeiros, barreiros e pedreiras, se bem que agredindo muitas vezes a paisagem, constituem frequentemente locais de indubitável interesses didáctico e científico.

Ao longo da história, muitas são as características únicas referidas pelos cronistas e historiadores que fazem do Tejo um rio suficientemente especial para que esteja a ser proposta a sua candidatura a Património Mundial da Humanidade, bem como a da recuperação da imagem que ele tinha no passado.

A informação sobre a Geodiversidade constitui nos próximos anos o desafio que se coloca à comunidade das Geociências bem como às entidades que gerem o Turismo, o qual terá de aqui em diante uma nova perspectiva até aqui desconhecida.

O GEOTURISMO é a melhor maneira de informar e comunicar Ciência, entretendo.

\* Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa / NETejo

**3ª SESSÃO**  
**IDENTIDADE, MEMÓRIA E PATRIMÓNIO**

**O MUSEU DE ARTE PRÉ-HISTÓRICA DE MAÇÃO: INVESTIGAÇÃO E GESTÃO DO  
PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO**

*Luiz Oosterbeek\**

O Museu de Arte Pré-Histórica de Mação encetou em 2001 um processo de reestruturação, com o apoio do Instituto Politécnico de Tomar, alicerçado em três vertentes: a criação de uma plataforma de investigação, que inclui um programa de Mestrado e de Doutoramento europeus; a construção de um projecto de centralidade no domínio da gestão do património cultural, inserida nas rotas nacionais e europeias; certificação internacional da qualidade nas duas vertentes (programas Erasmus Mundus e Herity)

\* Director do Museu de Mação/Docente do IPT/ Secretário-Geral do UISSP

## “CONTRIBUTOS PARA A DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DE MONTIJO”

*Liliana Campeão dos Santos\**

**Palavras-Chave:** Montijo, Património, Arqueologia, Inventário, Divulgação, Investigação.

O Património Arqueológico constitui, segundo a lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural (Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro) no art. 74.º n.º 1 *“todos os vestígios, bens e outros indícios da evolução do planeta, da vida e dos seres humanos (...)”*

Os primeiros estudos arqueológicos na região de Montijo realizaram-se a partir da segunda metade do século XIX até ao nosso século. Vários investigadores realizaram estudos pontuais, tanto na parte Ocidental como na parte Oriental do concelho. Na última década, por iniciativa da Câmara Municipal de Montijo têm sido realizados trabalhos arqueológicos de forma mais sistemática.

Na presente comunicação apresentaremos uma relação destes estudos e destas intervenções. Pretende-se, fundamentalmente, divulgar o património arqueológico existente no concelho de Montijo, em especial, a colecção de arqueologia do Museu Municipal.

\* Arqueóloga da Câmara Municipal Montijo

# A DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO NO ÂMBITO DOS SERVIÇOS EDUCATIVOS DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

*Mário Nuno do Bento Antas\**

A divulgação do Património Arqueológico português é uma das linhas de actuação do Museu Nacional de Arqueologia ao longo da sua história. Em 2008, comemora-se o 150º aniversário do nascimento de José Leite de Vasconcelos, fundador e primeiro director do Museu Nacional de Arqueologia, que ao conceber o MNA como uma espécie de “Museu do Homem Português”, para contar a história do povoamento do nosso território, desde as origens até à fundação da nacionalidade, deixou um legado de identidade, memória e património.

O Museu Nacional de Arqueologia através das suas colecções e através dos seus diferentes serviços desempenha um papel activo na divulgação do Património arqueológico português. Mais concretamente, o Serviço Educativo e de Extensão Cultural, através das suas acções junto de públicos escolares e não-escolares tenta descodificar a linguagem da arqueologia para uma linguagem didáctica mais acessível à comunidade, o que permite a esta compreender o seu património. Só percebendo o património arqueológico, é que a comunidade pode desenvolver um sentimento de pertença e o vivenciar como “seu”. Só o vivenciando como “seu” o pode proteger.

\* Museu Nacional de Arqueologia, Centro Português de Geo-História e Pré-História e Centro de Investigação em Património da Universidade Lusíada de Lisboa.



## 4ª SESSÃO

# AS POPULAÇÕES DO VALE DO TEJO

### **Evolução Humana e Portugal: estudo e caracterização dos vestígios osteológicos do Paleolítico português**

*Cristina Barroso Cruz\**; *Eugénia Cunha\*\**

**Palavras chave** – Evolução Humana; Interdisciplinidade; Arqueologia; Antropologia; Portugal; Paleolítico;

O estudo Antropológico e Arqueológico em Portugal têm sensivelmente 200 anos. Ao longo desses séculos têm sido inúmeros os trabalhos dedicados ao estudo de séries arqueológicas históricas e pré-históricas com restos humanos. Graças a esse esforço conhece-se relativamente bem o perfil das populações pretéritas, que habitaram o nosso país. Contudo, à medida que se recua no tempo, a quantidade de informação relativa às populações humanas mais remotas, escasseia. Por esse motivo, e tendo em consideração que existe já alguma produção científica no campo da Antropologia biológica relativa ao Mesolítico e Neolítico, pretendeu-se com este trabalho colmatar a lacuna existente relativa ao conhecimento dos restos humanos atribuídos ao Paleolítico em território português. Assim, e tendo em conta sempre uma perspectiva interdisciplinar que deverá estar subjacente a estudos feitos no campo da Evolução humana, procurou-se identificar, caracterizar e reunir toda a informação relativa ao espólio e contexto arqueológico associado aos restos humanos, tendo como base de comparação, sempre que possível, o caso Espanhol. Na medida do possível procurou-se completar e actualizar a informação relativa aos referidos vestígios. Foi feita também uma análise estatística e antropológica bastante sucinta com o objectivo de permitir uma melhor compreensão da natureza dos vestígios no tempo e no espaço.

\* Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

\*\* Centro de Investigação em Antropologia e Saúde

**A NECRÓPOLE ROMANA DA QUINTA DA TORRINHA/QUINTA DE STO. ANTÓNIO –  
MONTE DA CAPARICA (III-V DC): INCURSÃO AO UNIVERSO FUNERÁRIO,  
ANTROPOLÓGICO E PALEOPATOLÓGICO**

*Sandra Assis\*; Rui Pedro Barbosa\*\*; Pedro Lopez Aldana*

**Palavras-chave:** Necrópole romana, Quinta da Torrinhã/Quinta Sto António, Antropologia funerária, Paleoantropologia, Paleopatologia.

No ano de 2005, durante o estudo de impacto ambiental para o Metropolitano Sul do Tejo, foram descobertos vestígios osteológicos humanos na Quinta da Torrinhã/Quinta Sto António – Monte da Caparica. Esta descoberta não foi inusitada na medida em que já existiam elementos que apontam para uma possível ocupação romana do espaço. A intervenção arqueológica/antropológica veio corroborar esta asserção, atribuindo ao espólio recolhido uma cronologia compreendida entre os séculos III-V DC.

Os trabalhos desenvolvidos permitiram a exumação de um total de 25 indivíduos, doze adultos de ambos os sexos, e treze não adultos. Acresça-se um substancial acervo material, expresso, não apenas nos elementos funerários votivos, como também na arquitectura das sepulturas.

No presente trabalho discutem-se os gestos funerários envolvidos na deposição dos indivíduos, e que reflectem, de sobremodo, a sua ideologia. Concomitantemente, e através da análise paleodemográfica, morfométrica e paleopatológica, lança-se luz sobre o perfil biológico e comportamental da amostra exumada, de modo a caracterizar os indivíduos que terão vivido e morrido na margem Sul do Tejo.

\* Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra

\*\* Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda

## A NECRÓPOLE DO LARGO DA IGREJA (SARILHOS GRANDES)

*Paula Alves Pereira\*, Ricardo Godinho\*\**

No decurso de uma das empreitadas da SIMARSUL, foram identificados contextos funerários no Largo da Igreja, em Sarilhos Grandes, concelho do Montijo, no antigo adro da Igreja de São Jorge. Na área afectada à SIMARSUL foi realizada uma escavação de emergência que permitiu identificar vinte e dois enterramentos em inumação primária (Dois com orientação Norte-Sul e outro Este-Oeste) e vários ossários do período Moderno/Contemporâneo. Registou-se uma organização espacial com presença de inumações de adulto nos depósitos mais antigos e de sub-adultos em contextos mais recentes e mais próximo da Igreja. Foram identificados vários níveis de pavimento que selaram algumas das sepulturas.

Os dados recolhidos no terreno encontram-se em fase de análise e avaliação no momento

\* TPF Planege S.A

\*\* Antropólogo

**5ª SESSÃO**  
**ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL DO VALE DO TEJO**

**A IMPORTÂNCIA DA DOCUMENTAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL: O  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO MANUEL JOAQUIM AFONSO**

*Centro de Documentação Manuel Joaquim Afonso, Museu de Cerâmica de Sacavém, Câmara Municipal de Loures*

Cada vez mais se impõe, nos nossos dias, o olhar para o Património Industrial como parte integrante do Património Cultural das populações, das suas memórias e vivências e como testemunho, inegável, da evolução da humanidade nesse trilho de novas técnicas e de massificação de sistemas de produção.

Ora sendo o Património Industrial um conjunto de importantes elementos de carácter indissociável, que se estendem desde a modificação do espaço envolvente, às estruturas fabris, às máquinas e equipamentos, aos produtos, aos testemunhos orais e à documentação, como podemos nós: arqueólogos, investigadores, historiadores, curiosos do património, reconhecer esta importância e ajudar a valorizá-la?

No final, qual o papel do “papel” nesta valorização do Património Industrial?

O Centro de Documentação propõe-se a apresentar esta importância do “documento” de arquivo de empresa, como ponto de partida para qualquer investigação e para a salvaguarda do Património Documental Industrial do município de Loures.

## **TERRITÓRIO, IDENTIDADE, ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL: REFLEXÃO DE UMA PRÁTICA ARQUEOLÓGICA NO TERRITÓRIO.**

*Florbela Estêvão\**

Esta sinopse tem como principal objectivo enunciar alguns exemplos que podemos considerar como património proto- industrial, que caracterizam o território e os seus habitantes. Os núcleos habitacionais ainda conservam muito dos seus atributos rurais.

Na região de Bucelas é notória importância da produção vinícola, onde em cada casal agrícola é frequente encontrar vestígios de lagares, alguns em completa ruína, mas muito ainda a funcionarem. Também a produção de azeite teve seguramente o seu peso económico, a avaliar pelos vários lagares já inventariados.

Os vestígios, as memórias, ou mesmo o edificado, são marcos da nossa identidade e o Património das gerações futuras.

\* Câmara Municipal de Loures

6ª SESSÃO  
ARQUEOLOGIA MEDIEVAL DO VALE DO TEJO

UMA TORRE DE VIGIA SOBRE O TEJO, EM ALCOCHETE

*Miguel Correia\**

Integrada na Igreja da Misericórdia de Alcochete, a Torre de Alcochete possui um conjunto de características que nos levaram a duvidar da sua contemporaneidade em relação ao restante edifício. Posteriores trabalhos arqueológicos permitiram constatar tratar-se de uma estrutura do século XV, anterior à construção do edifício religioso. Embora não esteja ainda confirmada documentalmente a sua funcionalidade, interpretamos tratar-se de uma estrutura de carácter militar com um importante papel de sentinela sobre o Tejo. A cronologia da sua construção, apontada pelos dados arqueológicos, integram-na numa política de defesa do Tejo, que resultou na edificação de torres em pontos estratégicos, com responsabilidades específicas de vigia e de defesa directa com artilharia, política essa iniciada no reinado de D. João II.

Apresenta-se aqui uma interpretação dos resultados arqueológicos e da sua arquitectura, bem como do seu eventual papel no contexto da defesa do Tejo, integrado na conjuntura histórica da época.

\* Arqueólogo, CM Alcochete

# O RURAL MEDIEVAL NO VALE DO TEJO. ESTUDO ANTROPOLÓGICO DE UMA AMOSTRA POPULACIONAL EXUMADA NA QUINTA DE SÃO PEDRO – CORROIOS, SEIXAL

*Célia Lopes\* Jorge Raposo\* Ana Luísa Duarte\**

A Quinta de São Pedro está localizada na freguesia de Corroios, concelho do Seixal. Antiga propriedade agrícola, situada nas margens do estuário do Tejo, está actualmente urbanizada na sua quase totalidade. Com uma ocupação que se prolongou por vários séculos, cobre uma área temporal desde os finais do século XIII até ao século XVII.

A necrópole da Quinta de São Pedro, localizada na área adjacente à antiga capela, tem vindo a ser alvo de uma importantíssima intervenção arqueológica, levada a cabo pela equipa de arqueologia da Câmara Municipal do Seixal / Ecomuseu Municipal, que se prolonga desde 1994 e que tem revelado um vasto e extremamente valioso espólio, especialmente no que toca aos esqueletos humano.

Todo o material antropológico resultante das escavações arqueológicas foi estudado por investigadores do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, tendo-se obtido um número mínimo de 239 indivíduos provenientes de inumações primárias e de ossários.

Os indivíduos aqui representados dividem-se por ambos os sexos e por todas as classes etárias, com presenças desde fetos/ recém-nascidos até idosos. Também a nível paleopatológico esta amostra se revelou extremamente interessante, estando perfeitamente representados os variados grupos de doenças diagnosticáveis no esqueleto humano.

Na presente comunicação pretende-se revelar à comunidade do Vale do Tejo os resultados obtidos destes registos únicos que nos são fornecidos pelo esqueleto humano.

\* Câmara Municipal do Seixal

**7<sup>a</sup>. SESSÃO**  
**A ARQUEOLOGIA DO PERÍODO MODERNO DO**  
**VALE DO TEJO**

**O SISTEMA MILITAR DAS LINHAS DEFENSIVAS DE TORRES VEDRAS -  
PROJECTO/INTERMUNICIPAL DE INTERVENÇÃO.**

*Florbela Estêvão\**

Ao norte de Lisboa, entre o Tejo e o Atlântico foram edificadas quatro linhas defensivas da cintura da capital, no entanto esta comunicação incide apenas na 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> Linhas Defensivas que apresentam uma extensão total de 85 km e cerca de 152 fortificações. Edificadas com o objectivo de travar as invasões do exército napoleónico durante a Guerra Peninsular (1807-1814), marcam com derrota de Massena em 1810, o início da viragem do domínio napoleónico na Europa.

As obras militares localizadas em Loures, pertencem na sua maioria à 2<sup>a</sup> Linha Defensiva, controlavam a rede viária que de Mafra atravessava Lousa e permitia o acesso à várzea de Loures, bem como as estradas que provenientes de Arruda, asseguravam o acesso a Bucelas. Uma das alternativas à estrada Real que ladeava o rio Tejo, era o vale do rio Trancão, ou seja, o desfiladeiro de Bucelas.

Da 1<sup>a</sup> Linha Defensiva subsistem duas obras militares, o forte do Calhandriz e o do Arpim. Estas representam as posições mais recuadas no terreno e articulavam com as fortificações das serras de Serves, Alrota, Ribas. Todos estes pontos de elevada posição estratégica, com obras militares, foram reforçados com a edificação de escarpamentos.

Os Municípios detentores desta herança colectiva, Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira, decidiram constituir uma Plataforma Intermunicipal para a Gestão da Rota Histórica das Linhas Defensivas de Torres Vedras. O projecto apresentado resulta da sinergia de recursos humanos e técnicos desta equipa intermunicipal e interdisciplinar.

É importante salientar, que os municípios envolvidos têm vindo a desenvolver um trabalho de inventário/diagnóstico deste património cultural, bem como acções e projectos que possibilitem a sua preservação, valorização e fruição numa estratégia patrimonial integrada e sustentável. Assim, esta comunicação é baseada no trabalho desta equipa intermunicipal, e da colaboração com os organismos de tutela, que integraram este projecto IPPAR, DGM e actualmente o IGESPAR.)

\* Câmara Municipal de Loures



## 8<sup>a</sup>. SESSÃO

### AS FAUNAS E O HOMEM

#### A AVIFAUNA DO PLISTOCÉNICO DO VALE DO TEJO

*Silvério Figueiredo\**

**Palavras-chave:** Avifauna, Plistocénico, Vale do Tejo

As estações paleolíticas em Portugal são ricas de vestígios e restos ósseos de animais do passado geológico. O estudo destes testemunhos da fauna pretérita tem incidido sobretudo sobre os mamíferos, em especial os grandes mamíferos, em detrimento dos outros grupos de vertebrados, a avifauna (as aves), a herpetofauna (os répteis e anfíbios) e ictiofauna (os peixes). A presente comunicação tem como objectivo contribuir para o conhecimento da avifauna do Plistocénico do Vale do Tejo.

Todos os vestígios de aves plistocénicas encontradas em Portugal provêm de contexto arqueológico em gruta. Até ao momento não são conhecidas aves em estações arqueológicas de ar livre, nem em contexto geológico. É importante referir que pela análise taxonómica das aves plistocénicas encontradas quer no Vale do Tejo, quer no resto do país, se verifica que as espécies que viviam naquela época geológica são, de um modo geral, as mesmas que existem actualmente.

Pretende-se, nesta comunicação apresentar as jazidas do Vale do Tejo com presença de restos de avifauna plistocénica, enquadrando estes vestígios a nível da sua taxonomia, tafonomia e paleoecologia.

\* Instituto Politécnico de Tomar, Centro Português de Geo-História e Pré-História

## CONCHEIROS DE MUGE: UMA PERSPECTIVA ARQUEOZOOLOGICA

*Cleia Cardoso\**

Os concheiros de Muge foram descobertos em 1863 por Carlos Ribeiro no decurso de prospecções no vale do Tejo. Até hoje foram localizados cerca de 13 concheiros ao longo de três bacias hidrográficas afluentes do rio Tejo: ribeira de Magos, ribeira de Muge e ribeira do Vale da Fonte da Moça. A maior parte destes locais encontra-se hoje destruído e os de maior extensão localizam-se ao longo da ribeira de Muge.

Os numerosos esqueletos humanos encontrados até hoje, cerca de 300, bem como a extensão e riqueza dos restos arqueológicos justificam a importância que estes sítios adquiriram, tornando-se locais de referência para o Mesolítico europeu.

O veado, javali e coelho foram as espécies mais caçadas por estas populações, existindo, também, em menor número, restos de corço, auroque, cavalo e lebre, tal como alguns carnívoros. Estes animais foram caçados na sua maioria nas proximidades dos acampamentos e os estudos das fracturas e marcas de corte demonstraram clara continuidade no modo de utilização das carcaças dos animais ao longo do tempo.

A análise paleoecológica sugere que as ocupações se efectuaram na zona mais interior do estuário do Tejo, cujos limites atingiam, no Mesolítico final, a região de Muge. Este ecossistema estuarino seria extremamente rico e diverso. O ambiente terrestre seria dominado por florestas de coníferas e caducifólias, intercalando com campos abertos e o clima temperado e húmido.

Por volta de 5500 cal BC as condições estuarinas na ribeira de Muge regrediram, tendo-se verificado progressivamente a mudança para um ambiente de água doce que determinou o desaparecimento das condições anteriormente descritas e, com ele o abandono dos diferentes locais.

\* IGESPAR - CIPA

# OS PROBOSCÍDEOS DO NEOGÉNICO DO VALE DO TEJO

*Silvério Figueiredo\**

**Palavras-chave:** Proboscídeos, Miocénico, Plistocénico, Lisboa

Os elefantes pertencem à família dos proboscídeos, que apareceu no final do Eocénico. A sua evolução é caracterizada pelo desenvolvimento dos dentes incisivos que deram origem às presas, pelos dentes molares que passaram de dentes de substituição a dentes com lamelas, pelo aumento de tamanho e pelo desenvolvimento da probosche.

Os Proboscídeos estão presentes em Portugal desde o Miocénico. No Miocénico são muito frequentes na zona que constitui actualmente a Cidade de Lisboa, em especial nas freguesias da Charneca, Lumiar e Chelas. O género dominante é o *Trilophodon*, no entanto encontram-se outros géneros de proboscídeos, mas em número inferior.

No Plistocénico existem dois tipos de contexto estratigráfico com vestígios de elefantes: geológico e arqueológico. Em contexto arqueológico destacam-se quatro sítios: Mealhada, localizado na região centro, a norte de Coimbra e a Foz do Enxarrique (Vila Velha de Ródão) localizado no Alto Tejo já próximo da fronteira com Espanha. Esta jazida apresenta um único nível arqueológico atribuído ao Mustierense e a mais recente datação para a presença de *Elephas antiquus*. Na zona do Estuário do Tejo temos de referir Santo Antão do Tojal (Loures) um sítio bastante importante localizado na região de Lisboa, na margem direita do rio Tejo e a Gruta da Figueira Brava, situada perto de Setúbal na serra da Arrábida, aqui foram detectados fósseis de *Homo Neanderthalensis*. Os vestígios aqui encontrados foram atribuídos a *Mammuthus primigenius*, com algumas reservas, sendo mais provável pertencer ao *Elephas antiquus*.

No que respeita já ao estuário do Tejo, há destacar a sua presença desde o Miocénico com as inúmeras descobertas em Lisboa. Do Plistocénico temos de referir as importantes estações em contexto geológico da zona do Carregado e as estações em contexto arqueológico atrás referidas.

\*Centro Português de Geo-História e Pré-História e Instituto Politécnico de Tomar

9<sup>a</sup>. SESSÃO  
GEOLOGIA, ESTRATIGRAFIA E GEOARQUEOLOGIA  
DO VALE DO TEJO

INDÚSTRIAS LÍTICAS E CRONOSTRATIGRAFIA DAS ESCAVAÇÕES DO PALEOLÍTICO DO  
ALTO RIBATEJO.

*Pierluigi Rosina \**, *Sara Cura \*\**

**Palavras-chaves:** Paleolítico, Alto Ribatejo, Crono-estratigrafia

A partir do ano 1998, e enquadradas em diferentes projectos nacionais e europeus, realizaram-se na região do Alto Ribatejo três escavações arqueológicas (uma ainda a decorrer) de sítios ao ar livre, cujos materiais antrópicos foram atribuídos ao Paleolítico Inferior e Médio. As indústrias líticas são representadas por seixos talhados, núcleos, lascas, *chopper* e *chopping-tool* produzidos sobretudo a partir da matéria-prima mais abundante no local: os seixos de quartzitos. Estas intervenções tiveram, e têm, como objectivo não somente a compreensão dos primeiros povoamentos da região como também a interpretação crono-estratigráfica dos depósitos quaternários que encerram os vestígios de ocupação humana pleistocénica.

\*Instituto Politécnico de Tomar, Grupo “Quaternário e Pré-história” do Centro de Geociências (uID73 – FCT). Project FCT PTDC/HAH/71361/2006

\*\* Museu de Arte Pré-Histórica de Mação, Portugal

# APLICAÇÕES GEOFÍSICAS À ARQUEOLOGIA: MÉTODOS ELECTROMAGNÉTICOS E RADAR DE SUBSOLO

*Marta Prieto Llamas\*, Rubén Ruiç Bravo\* María Victoria Martínez Calvo\*\* Oscar López Jiméneç \*\**

**Palavras-chave:** Prospecção geofísica, Tejo, radar.

A prospecção geofísica baseia-se no estudo das variações das propriedades físicas do subsolo, pelo que poderemos aplicá-la ao estudo de áreas superficiais do terreno. Entre as suas numerosas aplicações e possibilidades, uma das mais recentes é a sua aplicação à arqueologia, a qual se encontra em pleno desenvolvimento nos últimos anos.

Existe uma grande variedade de métodos geofísicos para o estudo do subsolo. Entre eles encontram-se os electromagnéticos e o radar. Todos têm em comum a vantagem de não serem destrutivos, o que é muito importante na arqueologia para a conservação das estruturas.

O método de trabalho consiste em fazer um estudo ou prospecção geofísica antes de começar as escavações numa jazida. Uma vez que se têm os dados da propriedade física a estudar, representam-se em mapas bidimensionais, no plano, no caso do método electromagnético e em profundidade (secções verticais), no caso do radar. Uma vez interpretadas estas representações podem-se descartar áreas onde não se detectam estruturas de interesse arqueológico, assim como focar as sondagens e as escavações para áreas onde se detectam anomalias.

No último ano, têm sido aplicadas estas técnicas em várias estações arqueológicas do Vale do Tejo, em território espanhol. Entre outras, podemos destacar as realizadas na bacia Média-Alta do Tejo, nas bordas da 'Mesa de Ocaña' (Toledo). Trata-se de trabalhos realizados em algumas jazidas da área, como 'Camino de Yepes', onde se localizaram estruturas pré-históricas e restos de actividade industrial da época baixo - medieval – moderna; os realizados no 'Castro de Valdegato' da II Idade do Ferro; ou os trabalhos de documentação e conservação preventiva nas estruturas arquitectónicas do complexo de 'Valbondo', relacionadas com complexas condutas de águas para dar serviço ao palácio de Aranjuez, em meados do século XVIII.

Pode-se afirmar que o uso de estas técnicas representa uma grande ajuda no nas escavações e no trabalho de campo em geral, pois graças a estas poupa-se tempo nas intervenções e destacam-se áreas sem potencial arqueológico.

\* Geofísico(a), Gipsia

\*\* Arqueólogo(a), Gipsia

## DADOS GEOLÓGICOS E ESTRATIGRÁFICOS SOBRE A ARQUEOLOGIA DE ARRUDA DOS PISÕES (RIO MAIOR)

*Telmo Pereira\**; *Helena Santos\*\**; *Marco Liberato\*\*\**

**Palavras-chave:** Rio Maior; geologia; processos de formação.

Em 2007, a implantação da infra-estrutura de abastecimento de água do Sistema Multimunicipal do Oeste levou à abertura de uma extensa rede de longas e profundas valas nos arredores de Rio Maior, que expuseram a sequência sedimentar regional de uma forma absolutamente inédita. Tal facto revela-se de especial valor tendo em conta a importância que esta região tem para o conhecimento do Paleolítico e da Pré-história recente em Portugal.

Assim – na região de Arruda dos Pisões e área envolvente – a observação, destas valas permitiu compreender, por um lado, a dinâmica dos episódios de sedimentação e erosão locais e, por outro, onde e de que forma os diversos vestígios atribuíveis ao período compreendido entre o Acheulense e o Calcolítico se preservaram.

De facto, em toda esta região os fenómenos de sedimentação e erosão permitiram conservar um vasto rol de vestígios que podem ser classificados em XX grupos principais: achados isolados de superfície, manchas de materiais avulsos à superfície, sítios de superfície; achados isolados em estratigrafia, manchas de materiais avulsos em estratigrafia e níveis arqueológicos em estratigrafia.

Paralelamente, a escavação dos sítios afectados pela obra permitiu observar a forma como estes se enquadram nesses processos geológicos, bem como os *Processos de Formação de Contextos Arqueológicos* que agiram sobre os conjuntos e justificaram a sua localização e estado de conservação actuais.

\*Faculdade Ciências Humanas e Sociais – Universidade Algarve/IGESPAR, I.P.;

\*\* Arqueóloga;

\*\*\*Instituto de Estudos Medievais (Faculdade Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa).

# IMPORTÂNCIAS DOS TERRAÇOS DO RIO TEJO, NA INTERPRETAÇÃO DA EVOLUÇÃO DA PAISAGEM E DA OCUPAÇÃO HUMANA

*Pedro P. Cunha\* e António A. Martins\*\**

Os terraços fluviais registam os sucessivos períodos de escavamento ou agração fluvial e, por isso, são magníficos arquivos da evolução sedimentar, climática, eustática, tectónica e da ocupação humana nas áreas continentais. Contudo, por serem o resultado da combinação de vários controlos deposicionais, e por a sua datação ser difícil, a sua interpretação tem sido, em geral, controversa.

O Rio Tejo apresenta em Portugal troços com vale encaixado, bem como outros troços com diversificadas escadarias de terraços. O seu estudo tem evidenciado várias fases de investigação, traduzindo também diversos enfoques metodológicos.

Uma primeira abordagem foi a litostratigráfica, mercê da necessidade da sua representação nas cartas geológicas 1/50.000. Nesses trabalhos pioneiros, o critério altimétrico e a aplicação dos modelos eustáticos e climáticos em voga foram determinantes na fundamentação dos critérios em uso para a discriminação de níveis. Contudo, a crescente tomada de consciência de que existe neotectónica capaz de produzir significativas deformações na geometria dos terraços levou a uma apreciação crítica dos dados altimétricos e ao desenvolvimento de sentido crítico nas interpretações dos controlos deposicionais.

As importantes recolhas de artefactos no vale do Tejo dinamizaram também a investigação mas, muitas vezes, as propostas cronológicas basearam-se em raciocínios “circulares”, incidindo em critérios não suficientemente precisos, tais como o tipo de patine ou a tipologia de talhe dos artefactos. Contudo, progressivamente, a pesquisa arqueológica passou a dedicar maior esforço na execução de sondagens para a identificação de indústrias líticas “in situ”, do que na recolha de artefactos à superfície.

Nas últimas décadas tem havido um grande desenvolvimento de estudos de geomorfologia, neotectónica, estratigrafia, sedimentologia, paleontologia (palinóforos, restos ósseos de vertebrados, etc) e, mais recentemente, de geofísica e de datação (C14, séries de U, luminescência, etc).

Na actualidade assiste-se ao crescente desenvolvimento de estudos que integram diversas metodologias e, por outro lado, as datações são cada vez mais abundantes e precisas; a luminescência opticamente estimulada (OSL), em quartzo ou feldspato, surge como a via mais promissora para a datação destas sequências fluviais. A grande atenção é agora dada ao estudo de grandes colecções de artefactos recolhidos “in situ”, à datação precisa dos intervalos estratigráficos que os contêm, bem como à realização de pormenorizadas reconstituições da evolução da paisagem e da ocupação humana.

## Referências

- Cunha, P.P.; Martins, A.A.; Daveau, S. & Friend, P.F. (2005) Tectonic control of the Tejo river fluvial incision during the late Cenozoic, in Ródão – central Portugal (Atlantic Iberian border). *Geomorphology*, 64, pp. 271-298.
- Martins, A.A., (1999) Caracterização morfotectónica e morfossedimentar da Bacia do Baixo Tejo (Pliocénico e Quaternário). Tese de Doutoramento, Univ. Évora, 500 pp.
- Cunha, P.P.; Martins, A.A.; Huot, S.; Murray, A.; Raposo, L. (2008) Dating the Tejo River lower terraces (Ródão, Portugal) to assess the role of tectonics and uplift. In: *Impact of Active Tectonics and Uplift on Fluvial Landscapes and River Valley*.
- Zbyszewski, G. (1946) Étude géologique de la région d'Alpiarça. *Comun. Serv. Geol. de Portugal*, 27, 145-268.

\* Dep. de Ciências da Terra da, Univ. Coimbra, Instituto do Mar (IMAR-CIC), Largo Marquês de Pombal, 3000-272 Coimbra, pcunha@dct.uc.pt

\*\* Dept. de Geociências da Universidade de Évora, 7002-554 Évora, Portugal. [aam@uevora.pt](mailto:aam@uevora.pt) / Proj. POCTI/CTE-GEX/58120/2004, aprovado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e co-financiado pelo FEDER

10<sup>a</sup>. SESSÃO  
PRÉ-HISTÓRIA ANTIGA DO VALE DO TEJO

**Unidade e diversidade na Pré-História Antiga do Vale do Tejo**

*Luís Raposo* \*

Em comunicação apresentada há algum tempo num encontro sobre o estuário do Tejo enumerei um conjunto de sete questões que poderiam, em meu entender, constituir orientações fecundas de pesquisa futura a desenvolver no âmbito daquela área geográfica. Vale a pena recordá-las <sup>1</sup>:

- 1: de que falamos, quando falamos do “estuário do Tejo” ?
- 2: de quando datam as primeiras ocupações humanas nesta zona ?
- 3: de quando datam as primeiras indústrias de bifaces ?
- 4: qual a evolução interna e os padrões territoriais do Acheulense ?
- 5: quais as modalidades de passagem do Paleolítico Inferior para o Paleolítico Médio ?
- 6: que articulações espaciais podem ser feitas entre os diferentes tipos de locais do Paleolítico Médio no estuário do Tejo ?
- 7: de quando datam os mais recentes vestígios do Paleolítico Médio e, por extensão, do Homem de Néandertal nesta zona ?

Dado o âmbito territorial mais alargado das presentes Jornadas, julgo apropriado retomar agora, em maior detalhe, a sexta questão anteriormente assinalada, ou seja, a de procurar em todo o vale do Tejo os possíveis elementos de unidade e diversidade que permitam articular as ocupações humanas da Pré-História Antiga aqui reconhecidas.

Subdividimos para o efeito a referida questão em duas outras:

6a: variabilidade sincrónica

6b: variabilidade diacrónica

Quanto ao primeiro aspecto, faremos um balanço muito sumário dos conhecimentos, explorando escalas espaciais que vão do sítio à micro-região e desta à região geomorfológica envolvente.

Quanto ao segundo aspecto, confrontaremos sobretudo entre si as diferentes unidades geomorfológicas (Tejo estuarino; baixo Tejo aluvial; médio Tejo), procurando colocar por fim a questão de saber se existem padrões identitários do vale do Tejo no seu todo em qualquer dos períodos cronológico-culturais que abordamos ou em todos eles, ao longo da Pré-História Antiga.

\* Director do Museu Nacional de Arqueologia

---

<sup>1</sup> Cf. Raposo, L. (2006) – *Algumas questões acerca da ocupação humana do Paleolítico Inferior e Médio na zona do estuário do Tejo*, “Paleontologia e Arqueologia do Estuário do Tejo”, Col. Estudos Locais-Cultura, nº 4, Ed. da Câmara Municipal do Montijo.



# A ARQUEOLOGIA DE EMERGÊNCIA EM RIO MAIOR – O CASO DE ARRUDA DOS PISÕES

*Telmo Pereira\**, *Susana Cosme\*\**, *Cláudia Manso\*\*\**

**Palavras-chave:** Rio Maior; Paleolítico; Arqueologia de emergência.

Durante o ano de 2007 a região de Rio Maior foi afectada pela instalação da infraestrutura de abastecimento de água do Sistema Multimunicipal do Oeste. Esta obra permitiu intervir sítios arqueológicos conhecidos e inéditos, bem como expôs a estratigrafia quaternária da região ao longo de dezenas de quilómetros.

Na povoação de Arruda de Pisões a equipa da empresa Archeo´Estudos, Lda teve a possibilidade de intervir dois sítios arqueológicos conhecidos – Passal (uma oficina de talhe Calcolítica com vestígios Solutrenses) e Olival do Arneiro (num *locus* de época Gravetense Terminal com vestígios do Calcolítico) – bem como um sítio inédito – Quinta da Amieira (uma oficina de talhe do Gravetense inicial).

Estes trabalhos permitiram a identificação de contextos inéditos, o enriquecimento dos dados disponíveis e constituem – ao mesmo tempo – um exemplo de intervenções de arqueologia preventiva numa região de eleição para o estudo da pré-história de Portugal, cujas metodologias e resultados são aqui postos à crítica.

\*Faculdade Ciências Humanas e Sociais – Universidade Algarve/IGESPAR, I.P.;

\*\* Arqueóloga;

\*\*\* Câmara Municipal do Bombarral.

# ACERCA DA COLECÇÃO PALEOLÍTICA NA ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALPIARÇA

*Mário Santos\**

**Palavras-chave:** Alpiarça, Paleolítico Inferior, Escola EB 2,3/S José Relvas

Alpiarça, vila portuguesa do distrito de Santarém, é possuidora de alguns dos registos de ocupação humana, com registos que começam logo no Paleolítico Inferior como demonstra os casos de Vale do Forno passando pelo período romano, como demonstra o Alto do Castelo, tudo isso devido às condições geográficas que este concelho apresenta, o que faz com que tenha uma ocupação humana com mais de 100000 e que tenha sido estudada por alguns arqueólogos de renome como Luís Raposo, Georges Zbyzweski e Henri Breuil.

É objectivo desta comunicação dar a conhecer algumas estações paleolíticas deste concelho e a sua riqueza arqueológica, cujo espólio está guardado na Escola EB 2,3/S José Relvas, resultado de uma doação da AIDIA (Associação Independente para Desenvolvimento Integrado de Alpiarça) e que foram estudadas durante o estágio de final de curso, realizado em 2007.

\* Centro Português de Geo-História e Pré-História

## **O PALEOLÍTICO MÉDIO DA PONTA DO ANTÓNIO (BAIXA DA BANHEIRA): INTEGRAÇÃO CULTURAL, CRONOLOGIA E REGIONAL**

*Tiago do Pereiro\**

Uma zona que desde cedo mereceu particular atenção na margem sul do Tejo, corresponde à recortada frente ribeirinha do Concelho da Moita, onde afloram de forma contínua formações sedimentares de idade quaternária. Nesta zona é frequente a presença de materiais líticos de cronologia paleolítica, tendo-se identificado nalgumas áreas concentrações significativas destes vestígios arqueológicos.

É neste contexto de investigação que surge a sítio da Ponta do António identificado em 1995 por António Gongalez.

O estudo desta colecção teve interesse significativo, pois foi o primeiro estudo de uma jazida Paleolítica no Concelho da Moita, sendo que os resultados obtidos através deste estudo, vieram ao encontro da existência de extensas zonas de ocupação sazonal, de comunidades de caçadores – recolectores durante o Paleolítico Médio, nas margens do Tejo.

\* Arqueólogo Estagiário da Câmara Municipal da Moita

## ARTE RUPESTRE DO TEJO INTERNACIONAL - ÚLTIMOS TRABALHOS

*Luís Nobre\**

Ao longo dos últimos anos foram realizados alguns trabalhos de investigação direccionados ao estudo da arte rupestre no lado espanhol do rio Tejo. Localizando-se algumas rochas com gravuras em dois dos seus afluentes.

As diferentes gravuras integram-se em termos tipológicos num mundo inteiramente esquemático e geométrico. No qual o tipo de figuras pode dividir-se, de uma forma simplificada, em dois grupos: o grupo constituído pelos antropomorfos e o grupo constituído pelos geométricos, figuras de grande componente simbólica, denominado grupo dos ideomorfos.

\* TECO Reina - Badajoz / Centro Português de Geo-História e Pré-História

11.<sup>a</sup> Sessão  
PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO VALE DO TEJO

**O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS). SÍNTESE DE VINTE ANOS DE  
ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS (1983-2002)**

*João Luís Cardoso\**

Nesta comunicação apresentam-se os resultados obtidos nas vinte campanhas de escavações arqueológicas realizadas no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), bem como os resultados mais importantes que, do ponto de vista científico, se obtiveram, sem ignorar os trabalhos de recuperação e conservação das estruturas arqueológicas postas a descoberto, conducentes ao aproveitamento lúdico-cultural do espaço arqueológico, tornado, por esta via, um dos mais atractivos e importantes, no seu género, do território português.

\* Professor Catedrático da Universidade Aberta  
Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

## O POVOADO DA ESPARGUEIRA/SERRA DAS ÉGUAS (AMADORA), NOVOS DADOS PARA O SEU CONHECIMENTO

*Gisela Encarnação\**

Descobertos em 1932, pelo Prof. Manuel Heleno, os sítios arqueológicos conhecidos como Espargueira e Serra das Éguas despertaram desde cedo a curiosidade dos investigadores, sobretudo daqueles que se dedicaram ao estudo da Península de Lisboa, tanto pela sua proximidade física, como cronológica da Necrópole de Carenque.

No entanto, desde os trabalhos de 1932, de que se possui muito pouca informação, a não ser a identificação por este arqueólogo, de dois sítios distintos de povoamento, pouco mais se fez, para além de estudos parcelares de espólio e alguma prospecção do terreno.

Com a publicação, em 1999, da Carta Arqueológica da Amadora foi efectuada uma sistematização dos dados conhecidos propondo-se a existência de apenas um povoado, ao contrário do defendido por Manuel Heleno, justificando-se a sua dispersão por fenómenos naturais e antrópicos, dando a ilusão de dois sítios distintos.

Com a possibilidade, a partir de 2003, do Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, de efectuar estudos de minimização de impactes sobre este terreno novos dados e hipóteses de trabalho foram surgindo, possibilitando o conhecimento mais concreto da(s) realidade(s) reconhecida(s) ao longo dos anos e a percepção das propostas levantadas por Manuel Heleno.

\* Museu Municipal de Arqueologia da Amadora

## O QUARTZO NO EPIPALEOLÍTICO DE SANTA CITA

*Ana Baião\**

**Palavras-chave:** Santa Cita; Epipaleolítico; quartzo.

Apesar da ausência de vestígios orgânicos, a riqueza e elevada preservação do nível epipaleolítico de Santa Cita fazem com que este seja um contexto incontornável da pré-história do vale do Tejo. Neste sentido, o estudo detalhado de cada matéria-prima explorada permite maximizar o conhecimento sobre os métodos e técnicas de exploração das mesmas, bem como inferir o tipo de assentamento e o território explorado pela comunidade que está na origem desse mesmo assentamento.

Na breve apresentação que nos propomos fazer procuraremos expor os primeiros resultados obtidos na análise dos diferentes tipos de quartzo, matéria-prima que representa 14,1% do total do conjunto (417 artefactos).

Desde logo três aspectos aparentemente distintos parecem cruzar-se numa mesma causa: o primeiro está relacionado com o elevado grau de exploração deste mineral parece ser reflectido na baixa quantidade de cortex presente na generalidade do conjunto. O segundo está relacionado com a baixa quantidade de núcleos, as suas reduzidas dimensões e à elevada percentagem de peças esquiroladas. Finalmente, o terceiro está relacionado com a baixa quantidade de produtos leptolíticos associada à elevada quantidade de lascas com dimensões inferiores a 20mm e esquírolas.

Estes dados, embora preliminares, parecem indicar uma baixa presença desta matéria-prima nas imediações da ocupação à época e, conseqüentemente, uma obtenção da mesma a uma distância considerável.

\* Arqueóloga

## POSTERS

### O POVOADO CALCOLÍTICO DE SANTA MARGARIDA

*Ana Rosa Cruz\**

O sítio Santa Margarida da Coutada está implantado numa superfície de terraço planáltico inscrito na Bacia Terciária do rio Tejo, sendo todo o relevo condicionado pela sua acção erosiva e pela tectónica orientada a N-S e NW-SE.

Em termos de visibilidade, a partir de SMAC em direcção à margem direita do Tejo alcançamos “em leque circunferencial” as povoações de Montalvinho, Montalvo, Quinta da Gorda, Casal dos Palheiros, Casal do Zambujal, Quinta da Légua, Casal da Lameira bordejando uma linha de cumeeira de tipo “serradinha”. Já na margem direita apenas se alcança para SW as cumeadas de Vale Mestre e Portela, enquanto que para Sul desta área de ocupação se estende ao planalto de Santa Margarida. O *plateau* tem um declive acentuado e uniforme em direcção ao vale fértil em meandro do Tejo, alarga-se no meandro, com orientação S-N, numa área entre 3 a 4 km quadrados, alternando para declive acentuado e côncavo entre a Ribeira do Vale, à sua esquerda e a Ribeira da Represa à direita. É ainda entrecruzado por múltiplas linhas de água sem identificação na CMP 331, tornando-se claramente num ecossistema ecótono potenciando as oportunidades ou intenções estratégicas de implantação de grupos ou comunidades humanas.

\* Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar



## ACÇÃO DO GABINETE DE ARQUEOLOGIA NO MUNICÍPIO DE LOURES

### Gabinete de Arqueologia no Município de Loures

A informação do poster é centrada na representação gráfica da rede hidrográfica do concelho de Loures. Associados a essa rede destacam-se diversos sítios arqueológicos sumariamente apresentados por um texto e ilustrados por uma ou duas fotografias. O poster destaca, ainda, a apresentação dos Objectivos, Princípios, Competências, Atribuições e Metodologia do Gabinete de Arqueologia.

## O COMPLEXO MEGALÍTICO DO VALE DO BAIXO ZÊZERE

*Ana Cruz\**

O projecto SIPOSU\_MC – Sistemas de Povoamento e de Subsistência do mesolítico ao Calcolítico no Ribatejo contempla áreas litológicas diversas. São elas o Meio cársico integrado na Bordadura Ocidental, os terraços de aluvião do Baixo Tejo e o Maciço Antigo. Esta última realidade geomorfológica abrange o vale do Baixo Zêzere, área onde detectámos a maior concentração de vestígios megalíticos.

Em ambas as margens do rio Zêzere foi possível identificar e intervencionar vários dolmens de relativas pequenas dimensões, contribuindo assim para o preenchimento a Leste do vazio existente na cartografia megalítica de há alguns anos atrás.

Mas, para além desta realidade que comprova a intervenção arquitectónica humana, os novos trabalhos de prospecção de campo têm sido profícuos na descoberta de outras “arquitecturas”, como é exemplo o Monumento Atípico da Jogada 5 (Pedra da Encavalada), que se por um lado se poderá contextualizar no mundo megalítico, por outro poderá desvendar os primórdios deste movimento a fazer fé nas datações absolutas obtidas. A juntar a este monumento temos ainda o acampamento / menir da Jogada, o geomonumento do Alqueidão e um painel de arte rupestre. Este conjunto de vestígios, simultaneamente diversos e complementares dão-nos uma nova perspectiva das comunidades agro-pastoris do vale do Baixo Zêzere.

\* Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar

## **O ACHEULENSE NO VALE DO TEJO**

*Mário Santos\*, Ana Catarina Ferreira\*, Hugo Machado\*\**

O Acheulense é a principal indústria do Paleolítico Inferior, e deve o seu nome a Saint-Acheul em França.

A sua duração é bastante considerável indo desde a glaciação de Mindel até ao interglaciário Riss-Wurm (mais de 300000 anos), sendo que o seu instrumento mais característico é o Biface, que vai sofrendo alterações conforme o evoluir do tempo.

A sua área de extensão é bastante mais elevada pois ocupa uma mancha que vai de África, passando pela Europa Ocidental e pela Índia.

Em Portugal, a mancha mais importante é ocupada pelo Acheulense é o Vale do Tejo, de que Milharós e o Casal do Monte são exemplos máximos. A importância do Acheulense levou a que Zbyszewski, Octávio da Veiga Ferreira e outros arqueólogos de renomeada importância se debruçassem sobre a questão do Acheulense.

Neste Poster, pretende-se assim fazer uma demonstração da presença do Vale do Tejo, dando especial importância às duas estações referidas.

\* Centro Português de Geo-História e Pré-História

\*\* Centro Português de Geo-História e Pré-História e Estudante do Instituto Politécnico de Tomar